

## **Trabalho de Conclusão de Curso**

### **A KENOSIS CRISTOLÓGICA: AS IMPLICAÇÕES SOTERIOLÓGICAS E MISSIOLÓGICAS DO ESVAZIAMENTO DIVINO A PARTIR DE FILIPENSES 2.7**

**Anderson Ramos da Silva**

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP  
TCC apresentado em dezembro de 2008  
Orientador: Amin Américo Rodor, Th.D.

**Resumo:** Esta pesquisa pretende abordar as implicações soteriológicas e missológicas (salvação e missão respectivamente) envolvidas no esvaziamento logoniano a partir da passagem paulina neotestamentária de Filipenses 2.7 à luz de outros excertos e contextos do Novo Testamento (especialmente do evangelho de João) e algumas considerações de Ellen White sobre o tema. O trabalho objetiva apresentar uma sugestão alternativa não para o significado imediato da passagem de Filipenses (que é evidente em toda a perícopes), todavia a partir do texto de Filipenses e em conjunto com as demais declarações do Novo Testamento.

**Palavras-chave:** Kenosis, Cristo, Soterologia, Missiologia

### **The Christological Kenosis: the Soteriological and Missiological Implications of the Divine Self-Emptying in Philipians 2.7**

**Abstract:** This research intends to explore the soteriological and missiological (salvation and mission, respectively) implications of the Logos' self-emptying, from the perspective of Philipians 2.7 and others passages of the New Testament (specially the Gospel of John), and from the perspective of some considerations made by Ellen White concerning the issue. This investigation intends to present an alternative suggestion for the immediate meaning of the text in Philipians, according to its pericope, and also from the general scope of the letter to the Philipians and other New Testament texts.

**Keywords:** Kenosis, Christ, Soteriology, Missiology.

Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Campus Engenheiro Coelho  
Faculdade Adventista de Teologia

A KENOSIS CRISTOLÓGICA: AS IMPLICAÇÕES SOTERIOLOGICAS E MISSIOLÓGICAS  
DO ESVAZIAMENTO DIVINO A PARTIR DE FILIPENSES 2.7

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado em Cumprimento Parcial  
dos Requisitos para Obtenção do Título de  
Bacharel em Teologia

por

Anderson Ramos da Silva

Novembro de 2008

A KENOSIS CRISTOLÓGICA: AS IMPLICAÇÕES SOTERIOLÓGICAS E MISSIOLÓGICAS  
DO ESVAZIAMENTO DIVINO A PARTIR DE FILIPENSES 2.7

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado em Cumprimento Parcial  
dos Requisitos para Obtenção do Título de  
Bacharel em Teologia

por

Anderson Ramos da Silva

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

---

Amin Américo Rodor, Th.D.  
Orientador

---

Avaliação

---

Wilson Luiz Paroschi Cordeiro, Ph.D.  
Leitor

---

Data da Aprovação

---

Amin Américo Rodor, Th.D.  
Diretor do Curso de Teologia

# SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>RESUMO</b> .....   | iv |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 05 |
| <b>CAPÍTULOS</b>  |    |
| <b>1 CORRENTES CRISTOLÓGICAS HERÉTICAS DOS PRIMEIROS SÉCULOS</b> ....   | 07 |
| Introdução aos movimentos cristológicos dos quatro primeiros séculos.....   | 07 |
| Principais movimentos cristológicos dos quatro primeiros séculos .....  | 08 |
| Arianismo.....  | 08 |
| Apolinarismo .....  | 09 |
| Nestorianismo .....   | 10 |
| Eutiquianismo .....   | 11 |
| Ebionismo, Alogói e Monarquianismo Dinâmico .....   | 11 |
| Docetismo .....   | 13 |
| Calcedônia .....  | 13 |
| Considerações finais do capítulo .....  | 14 |
| <b>2. O PROBLEMA DO Esvazimento Divino em Fp 2.7: Uma Pesquisa<br/>Realizada com Alunos do Curso de Teologia do UNASP-EC</b> ....   | 16 |
| Conflitos interpretativos acerca do esvaziamento loginiano .....  | 16 |
| Pesquisa realizada com alunos do curso de teologia do UNASP-EC.....   | 16 |
| Resultados da pesquisa realizada com alunos do curso de teologia do UNASP-EC .....  | 17 |
| Questões .....  | 17 |
| Considerações sobre a pesquisa.....   | 19 |
| Considerações finais do capítulo .....  | 21 |
| <b>3. A KENOSIS CRISTOLÓGICA: AS IMPLICAÇÕES SOTERIOLOGICAS E<br/>MISSIOLOGICAS DO Esvazimento Divino a Partir de Fp. 2.7</b> ..... | 22 |
| Cristologia e Soteriologia.....   | 22 |
| Consideração do texto grego de Filipenses 2.7.....  | 23 |
| Diferentes versões do texto paulino de Filipenses 2.7.....  | 23 |
| Definições léxicas de <i>kenós</i> .....  | 24 |
| Contexto da passagem de Filipenses: Um hino crístico .....  | 24 |
| Consideração de outras passagens que contêm expressões similares a esvaziamento ...   | 25 |
| O movimento kenótico.....   | 26 |
| Conceito de <i>doxa</i> (glória) e <i>semeion</i> (sinais) em João.....   | 27 |
| Exegese do excerto paulino de Filipenses 2.7 .....  | 29 |
| As implicações soteriológicas e missiológicas do esvaziamento divino .....  | 32 |
| Considerações finais do capítulo .....  | 32 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 34 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 35 |

## **RESUMO**

Esta pesquisa pretende abordar as implicações soteriológicas e missiológicas (salvação e missão respectivamente) envolvidas no esvaziamento logoniano a partir da passagem paulina neotestamentária de Filipenses 2.7 à luz de outros excertos e contextos do Novo Testamento (especialmente do evangelho de João) e algumas considerações de Ellen White sobre o tema. O trabalho objetiva apresentar uma sugestão alternativa não para o significado imediato da passagem de Filipenses (que é evidente em toda a perícopes), todavia a partir do texto de Filipenses e em conjunto com as demais declarações do Novo Testamento.

## INTRODUÇÃO

Há nas Sagradas Escrituras temas de suma importância para o cristianismo em geral e para os Adventistas do Sétimo Dia em especial. Alguns tópicos preponderantes da Bíblia são de exclusividade veterotestamentária, enquanto outros são de exclusividade neotestamentária. O tema arrolado nesta pesquisa, a despeito de possuir um enfoque peculiar no Antigo Testamento, tem seu real desenvolvimento nas páginas do Novo Testamento.

O presente trabalho presta-se a uma sugestão interpretativa acerca do conceito de esvaziamento a partir do texto de Filipenses 2.7 em conexão com os demais textos e contextos do Novo Testamento.

A pesquisa foi realizada mediante levantamento bibliográfico do assunto em questão, levando em conta todas as seções literárias que convergiam direta e indiretamente para o trabalho, havendo uma rigorosa seleção dos textos e excertos que seriam introduzidos no trabalho científico.

A fundamentação teórica da pesquisa centraliza-se nos seguintes autores: Berkhof (2004), Cairns (2006), Carson (2007), Champlin (2002), Grudem (2002), Hodge (2001), McGrath (2007), Olson (2001), Rusconi (2005), Strong (2003) e White (1996) .

O trabalho está estruturalmente dividido em três capítulos, precedidos por esta introdução e sucedidos por uma conclusão.

O primeiro capítulo consiste numa dissertação histórica acerca das heresias cristológicas dos quatro primeiros séculos, considerando seu surgimento e propagação e principais teses.

O segundo capítulo trata sobre a pesquisa realizada com os estudantes do curso de teologia do UNASP-EC, seu resultado e análise das respostas. O próprio resultado da pesquisadenuncia a relevância do trabalho bem como sua abordagem.

O terceiro e último capítulo, que é a principal seção do trabalho, adentra especificamente na consideração do texto paulino de Filipenses 2.7, apresentação do texto grego, diferentes versões textuais, definição léxica do termo *Kenos*, contexto da passagem de Filipenses, consideração de expressões similares a esvaziamento em outras passagens, a ascensão do movimento quenótico, conceiro de “glória” e “sinais” em João, exege do texto de Filipenses 2.7, e, por último, as implicações soteriológicas e missiológicas do esvaziamento divino.

O trabalho não pretende ser e não é conclusivo quanto ao assunto em questão, porém sugere, em seu desenvolvimento, uma visão um pouco mais profunda do que aquela já conhecida para o “esvaziamento divino” presente no texto de Filipenses 2.7.

# CAPÍTULO 1

## CORRENTES CRISTOLÓGICAS HERÉTICAS DOS PRIMEIROS SÉCULOS

### Introdução aos movimentos cristológicos dos quatro primeiros séculos

As disputas cristológicas consistiram em uma série histórica de polêmicas sobre a natureza de Jesus Cristo mantidas no seio da igreja cristã durante os primeiros séculos do florescimento do cristianismo. O ano 325 d.C., no Concílio de Nicéia, sob a mão do imperador Constantino, o Grande, assim como no primeiro Concílio de Constantinopla, em 381 d.C., se estabeleceu a doutrina oficial da Igreja Católica, que abrangia todo o território do Império Romano (desde a Espanha até a Síria)<sup>1</sup> Atingiu o consenso que Cristo era eterno, segundo o credo, “uma encarnação divina, (chamada de "*homoousios*"), que significa consubstancial com Deus Pai”<sup>2</sup>, em uma só pessoa, porém com duas naturezas : completamente divina e completamente humana . A partir desse momento, e até o século VII, sucessivos concílios condenaram doutrinas que diferenciavam com a do credo de Nicéia em matérias de ontologia em torno do Cristo.

O período dos quatro primeiros séculos da história do cristianismo se caracterizou por disputas cristológicas. Os movimentos religiosos minoritários, qualificados como heréticos, que surgiram no segundo século nunca voltaram a questionar as explicações estabelecidas sobre a natureza do Cristo, e se concentraram em problemas como a simonia, hipocrisia, a burocracia, a injustiça social e a luxúria da Igreja institucional. Voltando ser assunto durante a Reforma Protestante com o aparecimento de novos movimentos. Hoje em dia especialmente o das Testemunhas de Jeová, voltam a questionar as doutrinas cristológicas adotadas no quarto século.

A seguir veremos as principais correntes cristológicas heréticas e suas ideologias.

---

<sup>1</sup> R.N. Champlin. *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia vol. I* (São Paulo: Hagnos, 2004), 833.

<sup>2</sup> Roger Olson. *História da teologia cristã* (São Paulo: Vida, 2001), 158.



## Principais movimentos cristológicos dos quatro primeiros séculos

### Arianismo

Este movimento possui este nome, pois foi liderado por Ário (250-336 d.C.), que fora presbítero de Alexandria entre o fim do século 3 e início do século 4 depois de Cristo. Ário não admitia que Jesus era Deus, o Verbo encarnado. Ele acreditava que isso implicaria na aproximação entre o cristianismo e o paganismo, já que as religiões pagãs crêem na existência de diversos deuses. Ário acreditava que Jesus teve um começo, ou seja, que foi criado por Deus. Sua idéia é que houve tempo em que Jesus não existiu, ou seja, que este fora criado por Deus, isso implica que Jesus não é eterno.

Ele e seus seguidores negavam a divindade própria de Cristo. Ário desenvolveu sua doutrina com base em especulações teológicas gregas, que floresceram no gnosticismo. Foi uma elaborada tentativa de definir a relação de Cristo para com Deus, segundo a razão natural.<sup>3</sup>

O Arianismo teve suas doutrinas refutadas quando Ário foi confrontado por Atanásio (296-373 d.C.), num concílio convocado pelo imperador Constantino, que contou com a presença de mais de 300 bispos. Este evento ocorreu na cidade de Nicéia, em 325, e deste concílio surgiu o Credo Niceno, no entanto, a cristologia ariana permaneceu, e nos dias de hoje está presente em grupos como Cristadelfianismo, Testemunhas de Jeová e com alguns traços no Mormonismo.

Estes são seus pontos principais: 1. Deus é ímpar e não-gerado (agennetos). Fora de Deus, tudo o mais foi criado ex nihilo (do nada), através da vontade de Deus. 2. O Logos (Cristo) é um intermediário entre Deus e o homem. Ele começou antes do tempo, mas não seria eterno, o que significa que houve tempo em que o Logos não existia, embora Deus já existisse. 3. Segue-se daí que o próprio Logos foi criado por Deus (o Logos foi gennetos). Ele também nasceu (gennetos), o que aponta para a filiação por adoção. 4. O Logos encarnado (Jesus Cristo) é assim inferior a Deus, embora seja objeto próprio da adoração, por causa de sua elevada posição, estando acima de todas as demais criaturas.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>Champlin, *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia vol. I*, 271.

<sup>4</sup>Ibidem

O presbítero de Alexandria fez a sua apologia quando disse:

O que afirmamos e pensamos e temos ensinado e continuamos ensinando; que o Filho não é congênito, nem parte do congênito em nenhum sentido, nem é ele derivado de alguma substância [...] e antes que fosse gerado, ou criado, ou nomeado, ou estabelecido, ele não existia, porque não era congênito. Somos perseguidos porque afirmamos que o Filho tem um princípio, mas Deus é sem princípio.<sup>5</sup>

### **Apolinarianismo**

Devido a Apolinário (310-390 d.C.), que fora Bispo de Laodicéia no fim do século 4, defender uma cristologia heterodoxa, esta recebeu seu nome. Enquanto o Arianismo defendia que Cristo não era Deus, o Apolinarianismo ia contra o ensino que Cristo possui a natureza humana, alegando que Cristo era apenas Deus, indo contra a doutrina da encarnação, onde o Verbo se fez carne e habitou entre nós, que está muito evidente no capítulo 1 do Evangelho de João. O ponto crítico desta corrente girava em torno do conceito da mente de Cristo. Segundo Apolinário, Cristo possuía mente (ou espírito) divino, o que o impossibilitaria de passar por tentações genuínas. Segundo Hebreus 2.14-17, Jesus participou de humanidade como a nossa, para que houvesse o completo efeito da expiação. Os ensinamentos do apolinarianismo também foram declarados heréticos, através do Concílio de Constantinopla (381), onde os teólogos Basílio - “O Grande”, Gregório - Bispo de Constantinopla, e Gregório - Bispo de Nissa, também conhecidos como Pais Capadóciolos, o rejeitaram de forma veemente. Apesar de Apolinário ter levantado certo grupo de discípulos, seus ensinamentos não permaneceram e seu movimento se desfez.

...sendo usado para designar a doutrina que, em Jesus, o Logos (uma perfeita natureza divina) assumiu corpo físico, passando a exercer as funções ordinariamente realizadas pela mente humana. Apolinário opunha-se tanto à noção ariana da mutabilidade do Logos como à noção da completa união das naturezas divina e humana, em Jesus Cristo. Afirma que, na encarnação, o Logos tornou-se carne, tomando o lugar da alma humana racional na pessoa de Cristo. Isso negava a humanidade essencial de Cristo.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Veja “A Carta de Ário a Eusébio” em *Documentos da Igreja Cristã*

<sup>6</sup> Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia vol. 1*, 231.

Preocupado com a ratificação do credo niceno e com a integridade cristológica, Apolinário

Formulou sua solução com base na antropologia platônica, que compreendia a pessoa humana como consistindo de três entidades substanciais: corpo, alma e espírito. Sua proposição era de que na encarnação o corpo e a alma de Jesus eram de natureza humana, enquanto que o Logos ocupava o seu espírito.<sup>7</sup>

### **Nestorianismo**

Esta doutrina está baseada nos ensinamentos de Nestório, que fora um pregador famoso em Antioquia, e desde 428 d.C., Bispo de Constantinopla. Seus ensinamentos foram refutados no Concílio de Éfeso, em 431. O Nestorianismo ensinava que a pessoa divina de Cristo e sua pessoa humana estavam divididas e com vontades divididas, mas residindo no mesmo corpo. Cirilo de Alexandria refutou os falsos ensinamentos do Nestorianismo.

Seu propósito era banir as heresias da área de seu controle. Mas ele mesmo achou-se em dificuldades ao apresentar o que a outros parecia ser uma duvidosa cristologia. Em primeiro lugar, ele objetava aos excessos que tinham surgido como na expressão grega *theótokos*, “mãe de Deus, aplicada à Virgem Maria. Em segundo lugar, ele procurou modificar a cristologia hipostática da escola alexandrina. Em lugar de “mãe de Deus”, ele preferia “mãe de Cristo” (*christótokos*). Mas isso só ofendeu a piedade de contemporânea. E, em terceiro lugar, em vez da união hipostática das naturezas divina e humana na pessoa de Cristo Jesus, ele propôs uma nova expressão, “união prosópica”. Esta última palavra vem de *prósopon*, palavra grega que significa “face”. “Ele expunha a questão como segue: “A humanidade estava na face da deidade, e, a deidade na face da humanidade”<sup>8</sup>.

No fundamento da posição nestoriana jaz outra heresia, a antropologia desenvolvida por Pelágio. Segundo a opinião teológica antagônica de Agostinho, a pessoa humana é dotada por ocasião do nascimento de graça suficiente para reforçar a vontade humana em sua batalha contra o pecado, o qual, por sua vez, não é uma condição do ser mas jaz inteiramente na ação humana. Devido a esse dom, o indivíduo poderia teoricamente atingir a perfeição. Nestória viu essa perfectível substância humana revelada em Jesus. O homem Jesus empregou a

<sup>7</sup> Kwabena Donkor, *A natureza de Cristo: A questão soteriológica*. Parousia 1º semestre 2008 (Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2008), 21.

<sup>8</sup> Champlin, *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia vol. I*, 489.

dotação natural da graça sem falhar. Este exercício de sua livre vontade efetuou a união voluntária entre Jesus e o Logos.<sup>9</sup>

### **Eutiquianismo**

Também conhecida por Monofisismo, esta concepção de Cristo, formulada por Eutiques (ou Êutico, 378-454 d.C.), que fora líder de um mosteiro em Constantinopla. O Eutiquianismo ensinava que a natureza divina de Jesus havia absorvido a natureza humana, gerando conseqüentemente um ser com uma terceira natureza. Esta doutrina é preocupante pois anula Cristo como verdadeiro Deus e como verdadeiro homem, o único que pode nos trazer salvação. “Trata-se da doutrina cristológica de que, por ocasião da encarnação, a natureza humana de Cristo foi absorvida pela natureza divina, com tudo quanto isso subentende. Ele expôs esse ensino em oposição ao Nestorianismo.”<sup>10</sup>

Este falso ensino foi refutado em 451 no Concílio de Calcedônia. Neste concílio reuniram-se 600 bispos, que pelo debate contra o Eutiquianismo formularam uma confissão de fé que elucidou a humanidade e a divindade de Jesus Cristo. Esta confissão cristológica permeia a crença das igrejas Orientais Ortodoxas, Católico Romana e as igrejas oriundas da Reforma Protestante, salvo as correntes pseudocristãs que durante a história trouxeram falsos ensinamentos que perverteram a cristologia ortodoxa.

A despeito do movimento ter sido desmantelado “As idéias de Eutiques foram retomadas posteriormente na controvérsia monofisita que perturbou a paz do império oriental até meados do século VI. Cerca de 15 milhões de Monofisitas ainda existem nas igrejas coptas do Egito, Líbano, Turquia e Rússia.”<sup>11</sup>

### **Ebionismo, Alogoi e Monarquianismo Dinâmico**

Os Ebionitas (ou parte deles) sentiram-se constrangidos, no interesse do monoteísmo, a negar a divindade de Cristo. Eles O consideravam como simples homem, filho de José e Maria,

---

<sup>9</sup> Stanley J. Grenz, *Theology for the Community of God* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1994), 247

<sup>10</sup> Champlin, *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia vol. I*, 599.

<sup>11</sup> Earle E. Cairns. *O cristianismo através dos séculos* (São Paulo: Vida Nova, 2006), 110.

qualificado em seu batismo para ser o messias, pela descida do Espírito Santo sobre Ele. Os ebionitas surgiram pelo século II, na Palestina e eram de orientação judaizante e herética. O significado etimológico de ebionitas é “homens pobres”.

Considerados cristãos gnósticos, sustentavam a veracidade de seu próprio evangelho “Evangelho dos Ebionitas”, além do “Evangelho dos Hebreus”, “Evangelho dos Doze Apóstolos” e um “Evangelho dos Nazarenos” que foram selecionados nos concílios de Nicéia e Laodicéia. Irineu, Orígenes e Eusébio de Cesaréia confirmam que a afirmação de Jesus como sendo apenas um homem é um traço exclusivo do ebionismo.<sup>12</sup>

*O alogoi* do termo vem da junção do prefixo grego *a* com *os logos* gregos da palavra, tal que não significa literalmente "nenhuma palavra." Este movimento cristológico nega que Jesus é a palavra incarnate divine por causa do primeiro capítulo do evangelho de João. Jesus é justo um professor bom, e há um deus expressado em uma pessoa (pai). Esta idéia foi rejeitada pela igreja para as razões óbvias que não aceita o que a Escritura proclama sobre Jesus e o Espírito Santo. O Alogoi ou Alogi era um grupo herético surgido no segundo século. Floresceram ao redor 170 d.C.. O que nós sabemos deles é derivado pela maior parte de seus oponentes, que os suprimiram pela doutrina. Atribuíram o evangelho de João e o Apocalipse de João ao Cerinthus gnostic. Negaram a divindade do Espírito Santo e negaram a doutrina dos logos incarnate . Foram chamados "Alogi" como um título duplo, para sugerir que eram ilógicos e anti-logos. Os alogianos viam em Jesus apenas um homem, embora nascido miraculosamente de uma virgem. Ensinavam que Cristo desceu sobre Jesus, por ocasião do Seu batismo, conferindo-lhe poderes miraculosos. Eles que rejeitavam os escritos de João por que entendiam que a sua autoria do Logos está em conflito com o restante do Novo Testamento.

No essencial, esta era também a posição dos Monarquistas Dinâmicos. Paulo de Samosata, seu principal representante, distinguia entre Jesus e o Logos. “Ele considerava Aquele como um homem igual a todos os demais, nascido de Maria, e Este como razão impessoal divina, que fez Sua habitação em Cristo num sentido preeminente, desde a ocasião do Seu batismo, e assim o qualificou para a Sua grande tarefa”<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Olson. *História da teologia cristã*, 258.

<sup>13</sup> Wayne Grudem. *Manual de doutrinas cristãs* (São Paulo: Vida, 2002), 259.

Podemos dizer que a primeira tentativa sistemática de conciliar unidade e pluralidade em Deus professava a unidade com detrimento da pluralidade. Chamou-se, por isto, monarquianismo, expressão derivada da exclamação: “Monarchiam tenemus”

### **Docetismo**

A expressão “docetismo” é oriunda do termo grego *dokew* que pode ser traduzido pelo verbo “aparentar”<sup>14</sup>. “O docetismo é a “afirmação de que o corpo humano de Cristo era um fantasma e de que o seu sofrimento e morte foram meras aparências. “Se sofreu, não era Deus; se era Deus, não sofreu”<sup>15</sup>

Os docetistas negavam a humanidade de Cristo, mas afirmavam a divindade. Isso é o oposto do arianismo, que afirmava a humanidade de Jesus, mas negava sua divindade. Afirmavam que Jesus Cristo tivera uma imagem aparente e portanto não corpórea ou real. A justificação era que a matéria é algo intrinsecamente mal, pelo que Jesus Cristo somente poderia ter um corpo aparente.

O docetismo já estava presente na época do Novo Testamento, como é evidente pela exortação de João, o apóstolo, sobre aqueles que negam “que Jesus Cristo veio em carne” (1Jo 4.2)

### **Calcedônia**

O Concílio de Calcedônia, que se reuniu em 451 d.C., é considerado definitivo na história da cristologia. Sendo o ponto culminante da luta contra uma longa fileira de heresias cristológicas, declarou que a fé ortodoxa no Senhor Jesus Cristo focaliza-se nas suas duas naturezas, a divina e a humana, unidas na sua Pessoa única. O Concílio de Calcedônia tem um contexto histórico. A separação das naturezas de Jesus, proposta por Nestório, havia sido repudiada pelo Concílio de Éfeso, em 431 d.C. A harmonização entre as duas naturezas, proposta por Eutiques, foi refutada em Calcedônia.

A Fórmula Dogmática do Concílio de Calcedônia contém a reelaboração das cristologias precedentes do período patrístico, a qual reuniu o que foi elaborado precedentemente em relação

<sup>14</sup> Carlo Rusconi. *Dicionário do grego do Novo Testamento* (São Paulo: Paulus, 2005), 135.

<sup>15</sup> H. Bettenson. *Documentos da igreja cristã* (São Paulo: Aste & Simpósio, 1998), 49.

aos diversos erros cristológicos do mesmo período, apresentando uma súpula das respostas do Magistério e dos teólogos ortodoxos diante dos mesmos erros, em especial, o nestorianismo, que negava a unidade das naturezas humana e divina em Cristo, e o monofisismo, que negava a plena humanidade de Cristo. A Fórmula de Calcedônia é também o ponto de partida para a Cristologia que lhe é posterior, pois, articulando as cristologias que lhe eram precedentes, e refutando os principais erros cristológicos, oferece as bases seguras para o desenvolvimento da ciência de Cristo. Ela é considerada a definição padrão da ortodoxia do ensino bíblico sobre a pessoa de Cristo desde aquela época por todos os grandes ramos do cristianismo: o catolicismo, o protestantismo e a ortodoxia oriental.

Foi a seguir a este concílio que aconteceu o cisma entre o Catolicismo e a Ortodoxia Oriental e deu origem à Igreja Copta

Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e consubstancial [homouousios] ao Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; "em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado", gerado, segundo a divindade antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, gerado da virgem Maria, mãe de Deus [Theotókos]. Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, inseparáveis e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência (hypostasis); não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor, conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos padres nos transmitiu<sup>16</sup>.

### **Considerações finais do capítulo**

Poderíamos dizer que os movimentos cristológicos pós-apostólicos foram impulsionados por uma espécie de “presunção teológica” ao tentarem explicar a questão das duas naturezas

---

<sup>16</sup> Bettenson. *Documentos da igreja cristã*, 101.

de Cristo. É evidente que a revelação escriturística neotestamentária nos permite chegar a uma percepção plausível a respeito da questão cristológica, todavia devemos ter em mente que

A união das duas naturezas numa pessoa é um mistério que não podemos compreender (pelo menos integralmente) e que, por essa mesma razão, é frequentemente negado. Às vezes é comparado com a união de corpo e alma no homem; e há mesmo alguns pontos de similaridade. No homem há duas substâncias, matéria e espírito, intimamente unidas e, contudo, não misturadas; assim também o Mediador.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Louis Berkhof. *Teologia sistemática* (São Paulo: Cultura cristã, 2001), 298.



## **CAPÍTULO 2**

# **O PROBLEMA DO ESVAZIAMENTO DIVINO EM FP. 2:7: UMA PESQUISA REALIZADA COM ALUNOS DO CURSO DE TEOLOGIA DO UNASP-EC**

### **Conflitos interpretativos acerca do esvaziamento loginiano**

No capítulo anterior discorremos acerca dos principais movimentos e controvérsias a respeito da pessoa de Cristo que tiveram lugar nos primeiros quatro séculos e ainda sobre alguns movimentos modernos de mesmo cunho. Certamente a Cristologia é o “coração” da Teologia Sistemática, para a qual todos os demais temas e sistemas convergem, uma vez que não existe teologia sem cristologia ou evangelho sem Cristo. Com isso, queremos dizer que a nossa compreensão concernente a pessoa de Cristo influirá diretamente na nossa compreensão a respeito dos demais sistemas teológicos (Protologia, Soteriologia, Escatologia e etc.)

Esta seção não objetiva retomar pontos já discutidos no capítulo anterior, todavia sim introduzir uma das maiores e mais discutidas problemáticas cristológicas neotestamentárias, a saber, a do esvaziamento divino.

Para tanto, realizamos uma pesquisa sobre o tema junto aos discentes do curso de Teologia do UNASP-EC que será exibida na próxima seção.

### **Pesquisa realizada com os estudantes de Teologia do UNASP-EC**

A pesquisa foi realizada no dia 07/05/2008 com 70 estudantes do segundo ao quarto ano. Foi composta por 2 (duas) questões objetivas (verdadeiro/falso) e 1 (uma) questão objetiva de múltipla escolha. A pesquisa objetivou averiguar o conhecimento geral dos alunos com respeito à cristologia e soteriologia, e, especificamente, ao conteúdo do esvaziamento conforme a passagem de Filipenses 2:7.

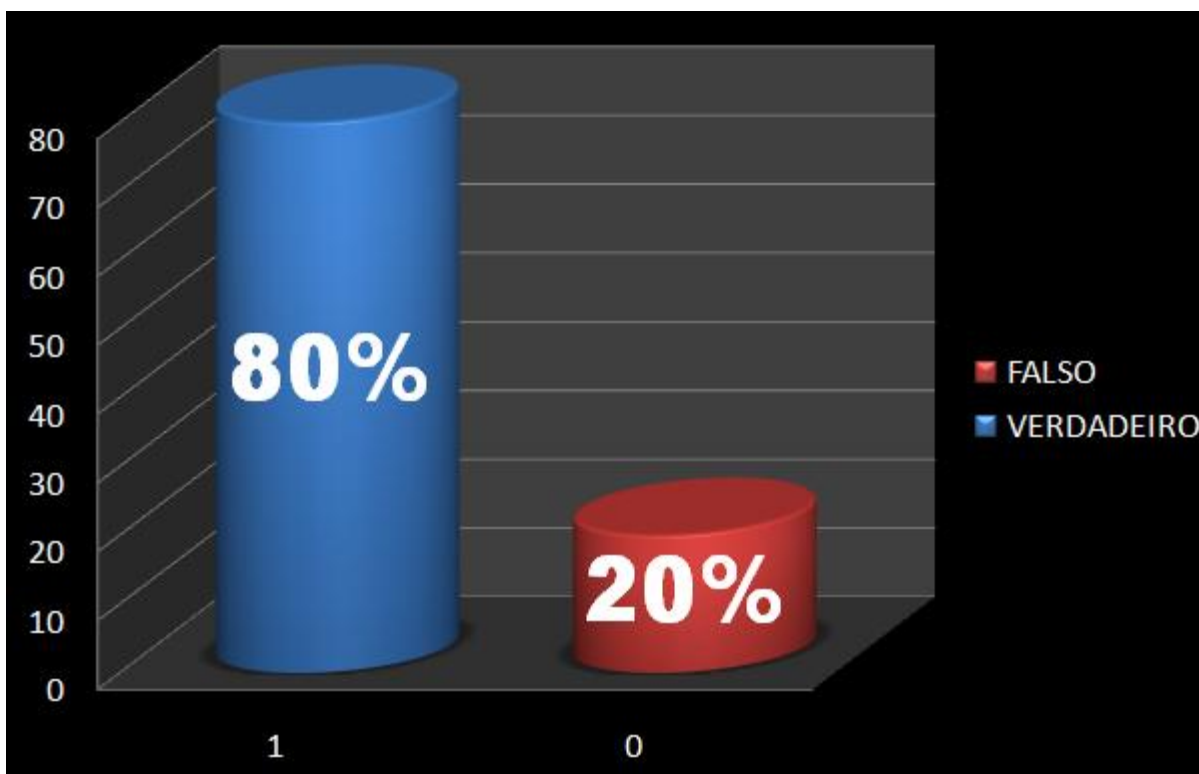
## Resultados da pesquisa realizada com os estudantes de Teologia do UNASP-EC

O resultado da pesquisa será exibido da seguinte forma:

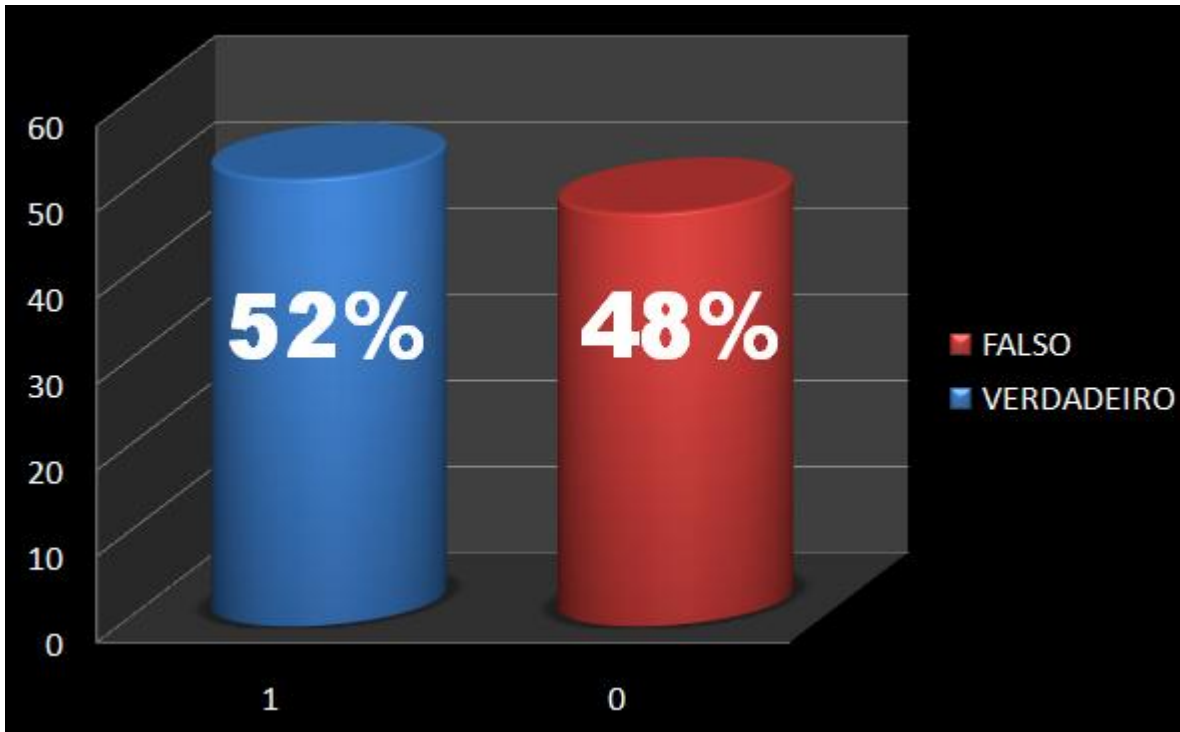
- 1) Questão
- 2) Mostragem gráfica das respostas em percentual

### Questões

1) Em termos soteriológicos Cristo não poderia manifestar o poder de sua divindade em benefício próprio.

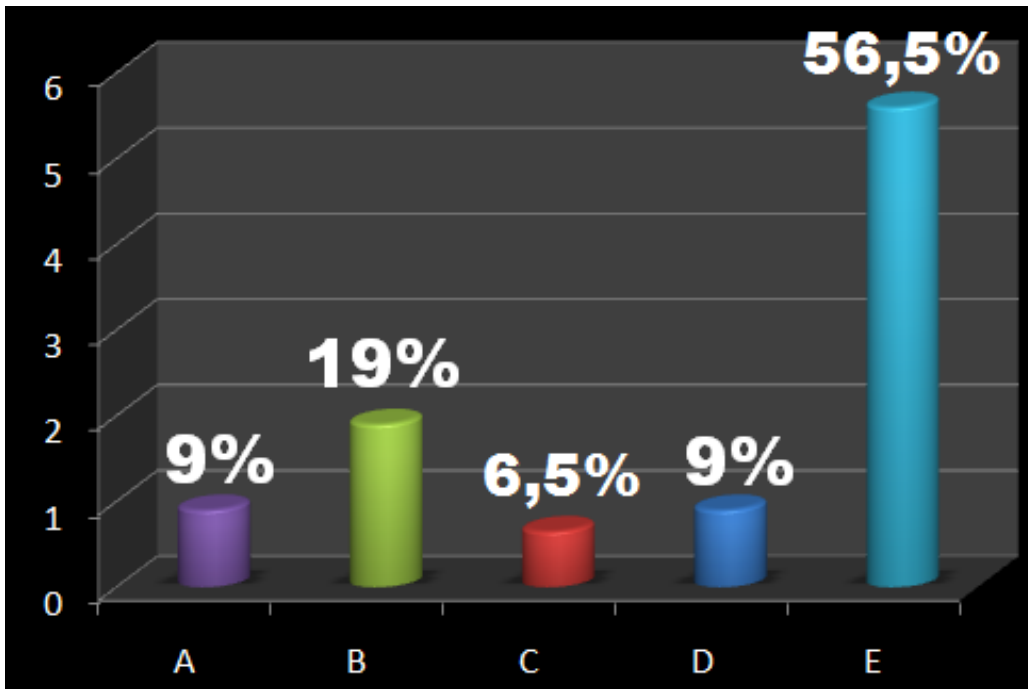


2) O episódio de S.João 1:47-49 onde Jesus revela ao próprio Natanael o seu paradeiro (de Natanael) instantes antes de se encontrarem pela primeira vez mostra a onisciência de Cristo e o Seu conhecimento sobre tudo e todos.



3) O esvaziamento divino registrado em Filipenses 2:7 ressalta primariamente a humilhação de Cristo em descer do paço celestial para a condição miserável da raça humana. Todavia à luz do próprio Novo Testamento pode também ser entendido como...

- a) **O esvaziamento de sua divindade.**
- b) **O esvaziamento de seus atributos divinos.**
- c) **O esvaziamento de sua independência do Pai.**
- d) **O esvaziamento de seus poderes.**
- e) **N.D.A.**



### Considerações sobre a pesquisa

Nesta seção consideraremos as respostas dos alunos de teologia e suas implicações teológicas.

#### Questão nº 1

*Em termos soteriológicos Cristo não poderia manifestar o poder de sua divindade em benefício próprio.*

Resposta correta: Verdadeiro

Oitenta por cento (80%) dos alunos optaram pela alternativa *verdadeiro*. Apesar de ser um percentual relevante, acreditamos que os outros vinte por cento sejam ainda mais representativos, uma vez que se espera de todo estudante de teologia um conhecimento básico a respeito de Cristo e de sua missão. Assim, os vinte por cento representam um grupo considerável de estudantes que ainda não possui uma visão teológica correta no tocante à cristologia e

soteriologia, uma vez que para esses discentes, Cristo poderia aliviar seu próprio fardo no processo do resgate humano fazendo uso de suas prerrogativas e atributos divinos.

### **Questão nº 2**

*O episódio de S.João 1:47-49 onde Jesus revela ao próprio Natanael o seu paradeiro (de Natanael) instantes antes de se encontrarem pela primeira vez mostra a onisciência de Cristo e o Seu conhecimento sobre tudo e todos.*

Resposta correta: Falso

Mais que a metade dos estudantes (cinquenta e dois por cento – 52%) respondeu a questão como *verdadeiro*. Isso representa uma distorção grave em sua compreensão cristológica, soteriológica e missiológica. Se Cristo podia livremente lançar mão de seus atributos incomunicáveis (entre estes a onisciência) em quê de fato Ele dependeria do Pai? Foram então as suas orações e súplicas ao Pai uma expressão fidedigna de sua integral dependência do mesmo? Ou seriam meramente ações de um dramaturgo que possuía em si mesmo o poder para libertar-se? Definitivamente, Jesus não poderia utilizar sua onisciência ou qualquer atributo divino incomunicável, senão o poder outorgado por Seu Pai. Apesar de divino, Cristo sujeitou-se ao Pai, abrindo mão de exercer por si próprio o poder. Sem dúvida, essa foi a sua maior tentação: a de exercer livre e independentemente o poder divino.

### **Questão nº 3**

*O esvaziamento divino registrado em Filipenses 2:7 ressalta primariamente a humilhação de Cristo em descer do paço celestial para a condição miserável da raça humana. Todavia à luz do próprio Novo Testamento pode também ser entendido como...*

- a) O esvaziamento de sua divindade.**
- b) O esvaziamento de seus atributos divinos.**
- c) O esvaziamento de sua independência do Pai.**

**d) O esvaziamento de seus poderes.**

**e) N.D.A.**

Alternativa correta: C

É necessária uma atenção especial para o quadro gráfico de respostas desta última questão. As alternativas a,b e d, apesar de construídas de forma diferente, afirmam a mesma coisa: Que ao encarnar-se, ( e a encarnação é o esvaziamento) o Logos deixou de ser Deus. Assumindo essa idéia, estaríamos advogando a teoria da Kenosis conforme o movimento kenótico liderado por Gess e H.W. Beecher em meados do século dezenove.<sup>1</sup> Somando-se estas três alternativas chegamos a um percentual de trinta e sete por cento (37%) de alunos que responderam que no ato do esvaziamento o Logos abriu mão de sua divindade, ou seja, deixou de ser Deus. Assim respondendo, esse grupo de alunos lança por terra a vitória do Cristo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, restringindo-o meramente a homem. Desta forma, o preço do resgate e da remissão não foi pago, pois o sacrificado na cruz não era Deus, mas simplesmente um homem.

Mais da metade (cinquenta e seis e meio por cento – 56,5%) acredita que nenhuma das alternativas estava correta, ao passo que apenas seis e meio por cento (6,5 %) respondeu que a alternativa c (O esvaziamento de sua independência do Pai) estava correta.

### **Considerações finais do capítulo**

Acreditamos que a pesquisa realizada com os alunos de teologia do UNASP-EC e seus resultados denunciam a relevância do trabalho e sua abordagem, bem como anunciam os argumentos primordiais que tomarão parte no terceiro e último capítulo desta pesquisa.

---

<sup>1</sup> Louis Berkhof., *Teologia Sistemática*. (São Paulo: Cultura Cristã, 2004), 300.

## CAPÍTULO 3

# A KENOSIS CRISTOLÓGICA: AS IMPLICAÇÕES SOTERIOLÓGICAS E MISSIOLÓGICAS DO ESVAZIAMENTO DIVINO A PARTIR DE FP. 2:7

### Cristologia e Soteriologia

A Cristologia e a Soteriologia são temas preponderantes da Teologia Sistemática que pode, por sua vez, ser definida como o ramo da teologia cristã que reúne as informações extraídas da pesquisa teológica, organizando-se em áreas afins, explica as suas aparentes contradições e, com isso, fornece um grande sistema explicativo, ou, segundo Grudem, como “qualquer estudo que responda à pergunta “O que a totalidade da Bíblia nos diz hoje?” a respeito de um tópico específico”<sup>1</sup>

Ao contrário do que alguns afirmam, a Teologia Sistemática, excetuando algumas obras e produtos de teólogos liberais na mesma área, apesar de recorrer em alguns momentos à argumentos filosóficos, não está permeada por eles, mas possui como diretriz máxima a revelação vetero e neotestamentárias submetidas a uma hermenêutica séria e comprometida com a verdade. Desta forma, seria leviano afirmar que a Teologia Sistemática não contribuiu e nem contribui atualmente para a teologia de uma forma geral.

A Cristologia e Soteriologia estão indivisivelmente ligadas por tratarem de “quem” e do “o quê” (respectivamente Cristo e Sua obra). No tocante a isso Kant afirma que

Não podemos as coisas diretamente, mas apenas à medida que possamos percebê-las ou entender seu impacto. Suas implicações teológicas são claras: a identidade de Jesus Cristo é conhecida por intermédio de seu impacto sobre nós. Em outras palavras, a pessoa de Jesus torna-se conhecida por intermédio de sua obra. Existe assim uma ligação orgânica entre cristologia e soteriologia.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Wayne Grudem, *Manual de doutrinas cristãs* (São Paulo: Vida, 2005), 17.

<sup>2</sup> Alister McGrath, *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica* (São Paulo: Shedd, 2005), 401.

Considerando as definições supracitadas, podemos afirmar que o tema do esvaziamento divino em Filipenses 2.7 diz respeito a “quem” e “o quê”, a Cristo e ao processo de esvaziamento que está diretamente ligado à soteriologia.

### **Consideração do texto grego de filipenses 2.7**

O texto em grego encontra-se da seguinte forma:

ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβὼν, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εἵρεθεις ὡς ἄνθρωπος

O Novo Testamento Interlinear traduz: “mas a si mesmo se esvaziou tomando forma de escravo, tornando-se em semelhança de seres humanos e em forma (exterior) achado como ser humano.”<sup>3</sup>

### **Diferentes versões do texto paulino de Filipenses 2.7**

A seguir, apresentaremos quatro (4) versões diferentes da passagem de Filipenses 2.7

ARA (Almeida Revista e Atualizada): “antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana.”<sup>4</sup>

NVI (Nova Versão Internacional): “mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens”<sup>5</sup>

NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje): “Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano”<sup>6</sup>

<sup>3</sup> Vilson Scholz, *Novo Testamento Interlinear* (São Paulo: SBB, 2004), 732.

<sup>4</sup> Bíblia Sagrada, *Versão Almeida Revista e Atualizada* (São Paulo: SBB, 2006)

<sup>5</sup> Idem, *Nova Versão Internacional* (São Paulo: Vida, 2003)

<sup>6</sup> Idem, *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (São Paulo: SBB, 2000)



KJV ( King James Version): “But made himself of no reputation, and took upon him the form of a servant, and was made in the likeness of men”<sup>7</sup> (“Mas a si mesmo fez-se sem reputação...”) [grifo nosso]

### **Definições léxicas de kenoj**

O *dicionário do grego do Novo Testamento* traduz o substantivo kenoj da seguinte forma: “vazio, vão, inútil, estéril, sem fundamento.” O mesmo termo no “fut.at.: kenwsw; aor.at.: ekenwsa; perf.pass.: kekenwmai; aor.pass.: ekenwqhnh pode ser traduzido como : tornar vazio, privar de força, tornar inútil.”<sup>8</sup>

### **Contexto da passagem de Filipenses: Um hino crístico**

O verso sete (7) do capítulo dois (2) de Filipenses está inserido dentro de um contexto maior (vs 1-8) de cunho exortativo. Aqui, Paulo está apelando aos filipenses para que tenham o “mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus”, ou seja, está exortando para que eles se despissem de toda arrogância e vanglória e tomassem por exemplo a vida de Cristo.

Muitos estudiosos afirmam que esses versos perfazem um *hino crístico* ou *canto cristológico*. Segundo Vielhauer “Que em Fp. 2.6-11 Paulo cita um canto crístico pré-paulino, foi demonstrado por E. Lohmeyer (Kyrios Jesus, 1929) e desde então é de aceitação quase geral.”<sup>9</sup> Sobre isso Carson afirma que “Em tempos mais recentes tem-se dado cuidosa atenção à sua forma, e agora é amplamente aceito que deve-se considerá-lo tanto como poesia quanto como liturgia – em suma, como um hino. Mas há ampla discordância sobre se o número de estrofes é três, quatro, cinco ou seis ou se devemos pensar em seis dísticos. Existe uma tendência de

<sup>7</sup> King James Version (1611/1769), Bible Works 4.0.

<sup>8</sup> Carlo Rusconi, *Dicionário do grego do Novo Testamento* (São Paulo: Paulus, 2005), 263.

<sup>9</sup> Philipp Vielhauer. *História da Literatura Cristã e Primitiva* (São Paulo: Academia Cristã, 2005), 70.

fundamentar cada teoria tratando palavras e frases como acréscimos secundários, provavelmente feitos por Paulo quando adaptou o hino original à sua argumentação.”<sup>10</sup>

Se considerarmos que de fato Paulo tomou emprestado esse hino crístico, podemos entender que ele o fez primeiramente porque se ajustava com a sua mensagem aos filipenses, e em segundo lugar por ser um hino pré-paulino, possivelmente fosse conhecido pelos destinatários.

### **Consideração de outras passagens que contêm expressões similares a esvaziamento**

Abaixo, veremos algumas passagens neotestamentárias que possuem expressões similares a esvaziamento.

- “Encheu de bens os famintos, e despediu **vazios** os ricos”. Lc 1.53 (Grifo nosso)
- “eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas e não escrevo isto para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer, antes que alguém me **anule** esta glória.” I Cor. 9.15 (Grifo nosso)
- “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é **vão** no Senhor.” I Cor. 15.58 (Grifo nosso)
- “E, se Cristo não ressuscitou, logo é **vã** a nossa pregação, e também é vã a vossa fé” I Cor. 15.14 (Grifo nosso)
- “Contudo, enviei os irmãos, para que o nosso louvor a vosso respeito, neste particular, **não se desminta**, a fim de que, como venho dizendo, estivésseis preparados.” II Cor.9.3 (Grifo nosso)

---

<sup>10</sup> D.A. Carson, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2007), 357.

- “Porque, se os que são da lei são herdeiros, logo a fé é **vã** e a promessa é aniquilada.” Rm 4.14 (Grifo nosso)

### **O movimento kenótico**

Diversos teólogos do século XIX advogaram uma idéia inesperada da encarnação chamada “teoria da kenosis”, que sustenta que Cristo abriu mão de alguns de seus atributos divinos enquanto esteve neste mundo como homem.

Segundo essa teoria, Cristo “esvaziou-se” de alguns de seus atributos divinos como onisciência e onipotência enquanto esteve sobre a terra como homem. Isso foi visto como uma autolimitação voluntária da parte de Cristo, que ele assumiu a fim de realizar a obra de redenção.<sup>11</sup>

Se pudéssemos citar apenas um nome, ou a mais proeminente personalidade do movimento quenótico, certamente citaríamos o nome de Gottfried Thomasius. Luterano alemão, Thomasius defende em sua obra *Person and work of Christ* [Pessoa e obra de Cristo]

que a encarnação envolve quenosé (kénosis), isto é, um ato deliberado de deixar de lado todos os atributos divinos, de forma que, em uma condição de humilhação, Cristo voluntariamente abandonou todas as prerrogativas da divindade. Portanto enfatiza sua humanidade é uma atitude perfeitamente apropriada, especialmente em relação à importância de seu sofrimento como ser humano.<sup>12</sup>

A distorção do texto de Filipenses 2.7 leva os quenóticos à teoria do aniquilacionismo, onde a divindade do Logos é aniquilada, ou seja, destruída, cancelada, anulada. Para os quenóticos, Cristo não se esvaziou, antes se “aniquilou” para cumprir fielmente sua missão soteriológica.

Atualmente, o movimento é inexpressivo, tendo perdido a maioria de seus adeptos há várias décadas.

<sup>11</sup> Grudem, *Manual de doutrinas cristãs*, 261.

<sup>12</sup> McGrath, *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*, 435.

## Conceito de doxa (glória) e shmeion (sinais) em João

É notório e bem conhecido que o evangelho de João é a maior seção cristológica do Novo Testamento. É visivelmente distinto em vários pontos dos sinóticos, especialmente em seu prólogo majestático. O evangelho de João é aquele que apresenta sobretudo o Cristo como o uioj tou qeou (Filho de Deus).

Quando nos deparamos com o evangelho de João, observamos a presença reiterada das expressões doxa (glória) e shmeion (sinais). Esta seção tem como objetivo averiguar em que contexto João utiliza esses termos e qual a sua implicação para a Cristologia.

No Novo Testamento nós encontramos quatro palavras para designar “milagre”:  
 “Teraj (maravilha), shmeion (sinal), dunamij (poder) e ergon (trabalho, obra, feito).”<sup>13</sup> Em S.João 2.11 encontramos uma das primeiras referências: “Jesus principiou assim os seus **sinais**, em Caná da Galileia, e manifestou a sua **glória**; e os seus discípulos creram nele.”<sup>14</sup> [grifo nosso] Neste texto, nos deparamos com os dois termos (glória e sinal). Sobre este verso Carson afirma que

A glória não era visível para todos que tinham visto o milagre; a glória não poder ser identificada com a manifestação miraculosa. Os servos viram o sinal, mas não a glória; os discípulos, pela fé, perceberam a glória de Jesus por trás do sinal, e eles creram nele.<sup>15</sup>

O autor parece sugerir que a glória manifestada em Caná da Galiléia não tinha nada que ver com a manifestação da divindade de Cristo. A glória não estava vinculada ao milagre, e os discípulos a enxergaram pela fé por trás do sinal e não pelo sinal.

Outro importante trecho joanino encontra-se em S. João 8.54 onde o próprio Jesus diz: “Jesus respondeu: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada; quem me glorifica é meu Pai, o qual dizeis que é vosso Deus.”<sup>16</sup> Novamente o abalizado teólogo e comentarista Carson escreve:

<sup>13</sup> Esequias Soares, *Cristologia* (São Paulo: Hagnos, 2008), 146.

<sup>14</sup> Bíblia Sagrada, *Versão Almeida Revista e Atualizada*.

<sup>15</sup> D.A. Carson. *O comentário de João* (São Paulo: Shedd, 2007), 175-176.

<sup>16</sup> Bíblia Sagrada, *Versão Almeida Revista e Atualizada*.

Jesus refuta qualquer sugestão de que ele esteja se promovendo, Ele sabe muito bem que qualquer louvor de si mesmo... independentemente da glória de Deus, nada significa. È por isso que a sua própria submissão é absoluta. Ao mesmo tempo, entretanto, Jesus insiste que o Pai é quem me glorifica.<sup>17</sup>

A glória em João parece ser mais o que Cristo recebe do Pai e o que Ele faz pelo Pai do que uma manifestação aberta de sua divindade.

Mesmo o verso quatorze (14) do capítulo um (1) de João “E o verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e **vimos a sua glória**, glória como do unigênito do Pai.”<sup>18</sup> [grifo nosso] parece indicar mais um anacronismo do que uma afirmação que de fato os discípulos haviam visto a glória de Cristo pela manifestação de sua divindade.

“O evangelista olha para trás e vê como toda a história terrena do Verbo encarnado, especialmente o ponto culminante dessa história, o sacrifício na cruz, revelara a glória de Deus. *Vimos a sua glória.*” Desta forma, João faz um retrocesso ao ministério de Cristo e como que possuindo uma visão panorâmica e completa de todos os fatos pode afirmar: “Vimos a sua glória”.

João enfatiza reiteradas vezes expressamente que também os discípulos não teriam entendido as palavras e os feitos de Jesus naquele momento, e em 13.7 Jesus mesmo diz: “Não compreendes o que faço agora, mas o conhecerás depois”. De cordo com 2.22; 12.10, esse “conhecer” é possível somente epois da morte e ressurreição de Jesus, e significativamente em ambas as passagens o termo usado é “lembrar-se”.<sup>19</sup>

Assim, podemos dizer que o autor do quarto evangelho declara ter visto juntamente com os demais discípulos a glória de Cristo no sentido mais amplo de seu ministério e missão terrestre, tendo alcançado seu apogeu na crucificação. Portanto a glória não tem que ver com a manifestação da divindade inerente de Cristo ou a um ponto isolado de seu ministério, senão a sua obra como um todo.

<sup>17</sup> Carson. *O comentário de João*, 357.

<sup>18</sup> Bíblia Sagrada, *Versão Almeida Revista e Atualizada*.

<sup>19</sup> Vielhauer. *História da Literatura Cristã e Primitiva*, 464.

## Exegese do excerto paulino de Filipenses 2.7

Como já dito anteriormente o texto de Filipenses 2.7 está inserido em uma perícopie maior (vs 1-8) de caráter exortativo que trata indiscutivelmente acerca da humildade cristã. Analisar exegeticamente essa perícopie não é algo complexo, pois o próprio contexto denuncia as circunstâncias e razões das palavras de Paulo aos filipenses.

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.<sup>20</sup> Fp.2.1-8

A declaração de esvaziamento (v.7) está em paralelo com a expressão “a si mesmo se humilhou” do verso posterior. A humilhação do Filho consiste em seu esvaziamento divino por ocasião de Sua encarnação. Assumir a forma de servo e tornar-se semelhante aos homens certamente é a síntese e a essência desse esvaziamento. A KJV (King James Version): “But made himself of no reputation...”<sup>21</sup> (“Mas fez-se a si mesmo sem reputação...”) indica ser esse o caráter desse esvaziamento.

“Mui provavelmente, Paulo não tencionava estabelecer qualquer declaração teológica exata, firmando distinções neste ponto; antes, de maneira geral e indefinida, meramente salientou o fato que, ao invés de Jesus escolher as glórias celestiais e poderes elevados, preferiu a esfera humilde dos homens, a fim de poder redimir a seus eleitos; e assim esvaziou-se de sua expressão de vida nas regiões celestes.”<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Bíblia Sagrada, *Versão Almeida Revista e Atualizada*.

<sup>21</sup> KJV (1611/1769), Bible Works 4.0.

<sup>22</sup> R.N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo* (São Paulo: Hagnos, 2002), 29.

Outro texto paulino que corrobora com essa interpretação encontra-se em 2 Coríntios 8.9 que diz “Porque já sabeis a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós **se fez pobre**, para que pela sua pobreza enriquecêsseis.”[grifo nosso] A expressão grifada provém do grego *eptwceusen* (se fez pobre) que contém o mesmo significado de *ekenwsen* (a si mesmo se esvaziou). Strong afirma que “O logos se desvestiu, ao tornar-se homem, não da sua substância de Deus, mas da “forma de Deus”.<sup>23</sup>

Entretanto, a NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje) dismantela a verdade do Cristo verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus quando o reduz meramente a homem no processo do esvaziamento. “Pelo contrário, ele **abriu mão de tudo o que era seu** e tomou a natureza de servo, tornando-se assim **igual** aos seres humanos. E, vivendo a vida **comum de um ser humano**”<sup>24</sup> [grifo nosso] Essa versão poderia facilmente ser utilizada por um *quenoticista* para advogar sua posição *aniquilacionista*. Primeiramente o texto não afirma que o Logos “abriu mão de tudo o que era seu”, mas diz que “a si mesmo se esvaziou”. O processo do esvaziamento divino não implica em perda de divindade, como tal versão sugere, mas em uma renúncia de exercer independentemente o poder do Pai.

Em segundo lugar, O Logos não tornou-se “igual aos seres humanos”, mas sim semelhante (*omoiwmati*) a eles. Se o Logos se tornasse igual aos seres humanos, ele deixaria de ser Deus. Em terceiro e último lugar, o Logos não viveu a “vida comum de um ser humano”, porém “tornou-se em semelhança de homens”. A NTLH compromete a identidade do Cristo encarnado uma vez que faz dele um homem qualquer. Além de comprometer a identidade cristológica ela lança por terra toda soteriologia neotestamentária, pois seria impossível que o sacrifício de um homem redimisse o próprio homem.

A despeito de entendermos que provavelmente Paulo não objetivava expor perante seus leitores nenhum ponto ou tratado teológico, podemos sugerir à luz do Novo Testamento um significado teológico mais profundo não para o texto de Paulo, porém a partir do texto de Paulo.

À luz do evangelho de João podemos entender que a vida ministerial de Cristo foi permeada por sua sujeição ao Pai. No tocante à submissão e absoluta dependência do Filho ao Pai White assevera:

<sup>23</sup> Augustus Hopkins Strong, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Hagnos, 2003), 364.

<sup>24</sup> Bíblia Sagrada, *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

Em tudo quanto fazia, Cristo cooperava com o Pai. Tinha sempre o cuidado de tornar claro que não agia independentemente; era pela fé e a oração que Ele realizava Seus milagres. Cristo desejava que todos soubessem Suas relações para com o Pai. "Pai", disse, "graças Te dou, por Me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre Me ouves, mas Eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que Tu Me enviaste." João 11:41 e 42.<sup>25</sup>

Em sua Teologia Sistemática, Strong define o esvaziamento divino quando diz que “Neste ato, ele resignou, não a posse, nem o uso total, mas o exercício independente dos atributos divinos”<sup>26</sup> Mais a frente, dissertando sobre os estágios da humilhação de Cristo o mesmo autor afirma que

Sua sujeição às limitações que o crescimento e desenvolvimento humano envolviam, atingindo a consciência de sua filiação aos doze anos, não operando milagres senão depois do batismo e a subordinação de si mesmo, em estado, conhecimento, ensino e atos ao controle do Espírito Santo, vivendo assim, não independente, mas como um servo.<sup>27</sup>

O conceito de esvaziamento pode ser melhor entendido à luz do título cristológico douloj (servo) assumido pelo Logos nesse processo. Como servo, Jesus deveria atuar num estado de completa dependência do Pai, renunciando Sua antiga autonomia no céu. White afirma que

o Filho de Deus era submisso à vontade de Seu Pai, e dependente de Seu poder. Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava dia a dia. Assim devemos nós confiar em Deus, para que nossa vida seja uma simples operação de Sua vontade.<sup>28</sup>

Strong apresenta uma lista panorâmica contendo as principais interpretações e pontos de vista, salientando o terceiro ponto que, segundo ele, é o “verdadeiro ponto de vista”. A lista é a seguinte:

- 1) Gess: o Logos abriu mão de todos os atributos divinos; 2) Thomasius: O logos abriu mão só dos atributos relativos; 3) O verdadeiro ponto de vista: O Logo abriu mão do exercício independente dos atributos divinos; 4) Velha ortodoxia: cristo abriu mão dos atributos divinos; 5) Anselmo: cristo agiu como se não possuíssem atributos divinos.”

<sup>25</sup> Ellen G. White, *O desejado de todas as nações* (Tatuí: CPB, 1996), 536.

<sup>26</sup> Strong, *Teologia Sistemática*, 361.

<sup>27</sup> *Ibidem*, 362.

<sup>28</sup> White, *O desejado de todas as nações*, 208.



Assim, após análise exegética do texto paulino de filipenses 2.7, além de corroborarmos com a idéia do significado exortativo do discurso paulino, podemos sugerir à luz do Novo Testamento que o processo do esvaziamento loginiano consiste, como já citado, numa resignação, “não da posse, nem do uso total, mas do exercício independente dos atributos divinos”<sup>29</sup>

### **As implicações soteriológicas e missiológicas do esvaziamento divino**

Assim sendo, em termos soteriológicos e missiológicos, Cristo, a despeito de possuir plena divindade, “Porque nele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade”<sup>30</sup> Col. 2.9, assumiu a forma de servo, colocando-se numa posição de absoluta dependência do Pai. Para efetuar a remissão do homem e cumprir a missão designada pelo Pai era necessário que Jesus atuasse em dependência integral, do contrário, frustraria o plano redentivo delineado pelo próprio Deus e lançaria por terra a verdade do esvaziamento, uma vez que esse processo não teria redundado em renúncia alguma.

A despeito de não podermos afirmar que Jesus não tenha em nenhum momento utilizado sua divindade, excetuando-se episódios em que Jesus usa sua prerrogativa divina para perdoar pecados, (o pesquisador possui inclinação para esta possibilidade) podemos, por outro lado, afirmar que Cristo não fez uso de sua divindade em benefício próprio de forma a suavizar sua missão no processo soteriológico.

### **Considerações finais do capítulo**

O terceiro e último capítulo tratou sobre o “esvaziamento divino” e suas implicações soteriológicas e missiológicas conforme apresentado em filipenses 2.7, considerando o texto grego, as diferentes versões do verso, definições léxicas do verbo *kenoj*, contexto da passagem de filipenses, consideração de passagens com expressões similares ao esvaziamento, a ascensão do

---

<sup>29</sup> Strong, *Teologia Sistemática*, 361.

<sup>30</sup> Bíblia Sagrada, *Versão Almeida Revista e Atualizada*.

movimento kenótico, o conceito de glória e sinais em João e exegese do excerto paulino de filipenses 2.7.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A devida compreensão dos temas preponderantes das Escrituras são essenciais à fé cristã. A nossa esperança vindoura está sustentada pela cosmovisão bíblico-teológica que possuímos. Desta forma, temas escriturísticos que estabelecem vínculo com a soteriologia devem ser estudados e compreendidos pelos cristãos e especialmente pelos Adventistas do Sétimo Dia que asseveram ser o povo remanescente de Deus e possuidores de uma mensagem especial a ser dada ao restante do mundo.

O tema do esvaziamento divino é um desses temas. A encarnação, a divindade, a humanidade, ministério e morte de Cristo estão diretamente ligados às seções de Cristologia e Soteriologia que estão, por sua vez, indivisivelmente ligadas uma a outra por tratarem de “quem” e do “o quê” (respectivamente Cristo e Sua obra).

Esta pesquisa sugere que ao encarnar-se, assumindo em si o processo do esvaziamento, o Logos não estava abrindo mão dos seus atributos, qualidades inerentes ou mesmo de sua essência (*ousia*), porém da utilização ou exercício independente dos atributos divinos. A humilhação de Cristo não inicia em seu julgamento pelo sinédrio ou por Pôncio Pilatos, por seu doloroso caminho até a cruz ou mesmo por sua morte ignominiosa na mesma, mas por sua encarnação, por seu absoluto e pleno esvaziamento, “tornando-se semelhante aos homens”, e, assim, propiciando a chance de salvação ao ser humano por meio de seu ministério redentivo.

Portanto, mediante a pesquisa realizada, podemos afirmar que a validade soteriológica e missiológica do ministério terreno de Cristo e de sua morte substitutiva é devida ao seu completo e pleno esvaziamento “não da posse, nem do uso total, mas do exercício independente dos atributos divinos”<sup>1</sup> no ato da encarnação, colocando-se em posição de dependência e submissão integral ao Seu Pai.

---

<sup>1</sup> Strong, *Teologia Sistemática*, 361.

## BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman**, vol XI. Rio de Janeiro: Broadman Press, 1988.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

BETTENSON, H. **Documentos da igreja cristã**. São Paulo: Aste e Simpósio, 1998.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004.

CAIRNS, Earle. **O cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

CARSON, D.A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003.

CHAMPLIN, R.N.. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**, vol.V. São Paulo: Hagnos, 2002.

\_\_\_\_\_. **Enciclopédia de bíblia, Teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2004.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Custom, 2002.

DENHAM, James Richard [Ed]. **Concordância fiel do Novo Testamento**. São José dos Campos: Fiel, 1994.

ELWELL, Walter A.[Ed] **Baker Commentary on the Bible**. Michigan: Baker Books, 2000.

GAEBELEIN, Frank E. [Ed] **The Expositors Bible Commentary, vol.XXI**. Michigan: Zondervan Publishing House, 1978.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de apologética**. São Paulo: Vida, 2002.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORDEN, William E. **Teologia contemporânea**. São Paulo: Hagnos, 2004.

JEREMIAS, Joaquim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2004.

KNIGHT, John A. **Beacon Bible Commentary**, vol.IX. Missouri: Beacon Hill Press of Kansas City, 1965.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**. São Paulo: Shedd, 2007.

NICHOL, Francis [Ed]. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Vol.VII. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1980.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Vida, 2001.

ROSEWELL, Samuel. **Matthew Henry's Commentary**, vol.VI. New York: Fleming H. Revell Company,

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005.

STANLEY J. Grenz. **Theology for the Community of God** . Grand Rapids, MI: Erdmans Publishing Company, 1994.

STRONG, Augustus H.. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003.

WHIDEN, Woodrow W. **Ellen White e a humanidade de Cristo**. Tatuí: CPB, 2005.

WHITE, Ellen G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: CPB, 1996.